

# QUEBRANDO TODOS OS PADRÕES

Modelo de Niterói se destaca ao abordar temas, como autoaceitação, cobrança pelo corpo ideal e a luta contra 'body shaming'. P.2



Para Angélica, 'um corpo livre é um corpo feliz'

## Niterói & região

# Modelo de Niterói inspira movimento de autoaceitação e luta contra o 'body shaming'

LUCIANA GUIMARÃES  
luciana.guimaraes@odia.com.br

Basta uma rápida busca no Instagram, plataforma mais usada pelas mulheres que querem adotar um novo olhar sobre a padronização da beleza, para percebermos o tamanho e magnificência do movimento de autoaceitação das internautas.

As hashtags #beautiful, #corpos reais, #amomeucorpo — umas das mais utilizadas e que escancaram discursos sobre gordofobia e outras mobilizações sociais relacionadas à estética padrão na sociedade — foram, aos poucos, constituindo o seu espaço. Diversidade e pluralidade também estão entre as palavras mais buscadas.

Esse movimento visa atentar para o fato de que a particularidade deu lugar à monótona e cinza uniformização. Nessa linha de pensamento, um corpo real não deve ser exibido e os incontáveis filtros de edição mascaram dor e frustração de quem se vê oprimido pelo conceito de 'corpo perfeito'. Aceitar o próprio reflexo diante do espelho é, para muitas pessoas gordas, um processo difícil e cheio de desafios.

Mas o que é um corpo perfeito? Não deveria ser, necessariamente, um que seja real? Para aquelas que tentam mudar esse paradigma, nada mais é que um em que se viva feliz. Ao dizer que algo é ou foi padronizado esteticamente, fala-se de uma "imposição" social e midiática sobre uma estética perfeita, e na maioria das vezes, inalcançável.

Aos 22 anos e uma carreira que desponta rapidamente, a modelo niteroiense plus size Angélica Oliveira sabe bem como combater todo o preconceito que envolve as pessoas gordas ou fora "dos padrões" impostos pela sociedade. Pelas ruas do Centro, onde mora, ou em seus perfis nas redes sociais, muitas fotos de biquíni, lingerie e a imagem de quem se enxerga livre. Por meios das postagens que são acompanhadas por mais de 350 mil seguidores, um acalento na alma. Angélica busca libertação e mostrar que essas mulheres não estão sozinhas:

"Vejo como um grande revolução e sou muito grata em ter o poder de inspirar mulheres a se amarem do jeito que são, claro que priorizando sempre a saúde. Gostaria que todas tivessem a mesma visão do que eu, porque não consigo achar a aparência física mais importante que o interior. Se você é uma boa pessoa, tenho certeza que terá coisas muito mais legais para apresentar às pessoas do que somente o físico. Vamos ser livres! Estamos nesse mundo e não sabemos né quando!", diz, categórica.

Praticante de crossfit, ela posta vídeos de seus treinos e contraria gordofóbicos sobre o estereótipo de que gordos não podem praticar atividades físicas. Numa linha bem "a vida como ela é", com conteúdo informativo e sem ludibriação. Em um dos últi-



FOTOS REPRODUÇÕES DA INTERNET



Angélica não tem medo de posar em fotos ousadas. Acima, a influencer Letticia Munniz é clicada bem à vontade. Já a estrela da 'Playboy', a americana Lizzo, quebrou todos os padrões impostos

mos vídeos publicados, a diferença de uma foto posada e uma "fabricada" para agradar. Foram milhares de comentários de identificação e apoio.

No Brasil, país onde o público feminino é mais curvilíneo por natureza, roupas que só vestem basicamente um tipo de corpo — que lembra um pouco o da Barbie — são outro problema. O padrão, além de inatingível, não condiz com as curvas que vemos pelas ruas. É uma maratona encontrar vestuário que combine com seu estilo e tipo de corpo, o que só deixa as mulheres ainda mais desalentadas. Estar fora do padrão e, simultaneamente, dentro de opções limitadíssimas, fizeram a modelo perceber que o movimento tinha que ser de dentro para fora. O estigma irrealista não faz parte da vida de Angélica.

"Eu uso o que eu quero, e sustento a roupa. Não o contrário. No meu guarda-roupa tem listras horizontais, roupa branca, barriga de fora e tudo mais que eu quiser", afirma a modelo.

Internacionalmente, a cantora norte-americana Lizzo, eleita artista do ano pela revista *Time*, quebrou todos os estereótipos estéticos que uma estrela do pop possui, com performances e letras aclamadas. Gordas e negra, ela começou a construir a sua identidade aos poucos, eliminando os próprios preconceitos e desenvolvendo uma autoestima que é a marca das suas músicas. A cantora, de 30 anos, posou para a edição de primavera da publicação *Playboy* e colocou seu corpo para jogo ao vestir lingerie e adereços

**Muito querida na cidade, Angélica usa redes sociais para alertar sobre massificação e o conceito de 'corpo ideal'**

que remetiam aos anos 70 em Hollywood.

Dados de uma pesquisa encomendada pela Skol Diálogos e realizada pelo Ibope, indicaram que a gordofobia é um fator presente na rotina de 92% dos brasileiros. Mas, mais revelador é constatar que, apesar disso, apenas 10% daqueles que manifestaram algum tipo de preconceito contra obesos assumem o que são. Outros 8% também reconheceram possuir algum tipo de dificuldade em aceitar aspectos que fogem do padrão social.

O estigma taxado pelos outros de não se adequar em um biotipo, frequentemente alimenta nessas mulheres o ódio pelo próprio corpo. A errônea crença de que algo precisa ser "reparado, consertado" atormenta e espezinha a autoestima. A consequência? Insatisfação, muito choro e, em algumas vezes, um caminho tortuoso como a utilização de pílulas tarja preta que inibem o apetite e provocam

desde variações de humor até paradas cardíacas. Isso gera preconceito, transtornos alimentares e mentais, e a imposição de que só há um padrão estético que pode ser aceito na sociedade.

Desassociar a palavra gorda de um xingamento é um dos pontos principais desse empoderamento. Reivindicar o respeito e o pleno direito de liberdade de ser uma mulher que é muito mais do que o tamanho que veste.

Outro nome bastante conhecido na maneira como aborda o tema é a influencer Letticia Muniz. Para Letticia, o estímulo para mulheres assumirem seus corpos reais — por meio de suas publicações na internet — serve para superarmos, juntas, a ideia de que só há felicidade quando se está/é magra. "A gente precisa normalizar os corpos, as pessoas têm tipos físicos diferentes. Só que a gente passa a vida em busca de ser magra", declarou ela, que acumula mais de 700 mil seguidores, em entrevista recente para o site *Universa*.

No livro *O mito da beleza*, a aclamada escritora norte-americana Naomi Wolf disse, em 1991, que a fixação cultural da magreza feminina não é uma obsessão sobre a beleza das mulheres, mas, sim, uma obsessão com a obediência feminina à sociedade. A dieta, o culto ao corpo e a ditadura da magreza, segundo ela, tornaram-se preocupações das mulheres ocidentais desde os anos 1920. Ou seja, são décadas presas numa ideia massacrante e autoritária. Mas a consciência, de lá pra cá e ainda que a passos lentos, está crescendo e tomando alguma forma.

Para a psicóloga Thaís Ventura, é preciso desconstruir, e é importante ouvir, ter empatia e respeitar o lugar de fala: "A gordofobia e outros tipos de preconceito não acontecem conscientemente muitas vezes. A sociedade é gordofóbica. Cresce-se impelido a achar o corpo gordo feio e indesejável, para olhar uma gorda na capa de uma revista de moda e achar um absurdo, justamente porque somos criados não vendo uma gorda sendo feliz e aplaudida pela mídia. Mulheres como Angélica quebram uma corrente de aprisionamento."

